
Vadia e diva: a nova representatividade da *drag queen* na música pop brasileira¹

Isabela MATTOS²

Otavia CÉ³

Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, Pelotas, RS

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apontar a importância da representatividade e da visibilidade das *drag queens* na música pop brasileira. Tendo como objeto de estudo a letra da música “todo dia” da cantora e *drag queen* Pablio Vittar, onde foi identificado um discurso de empoderamento. O artigo visa identificar os discursos tanto verbais, quanto visuais, e uma possível quebra de paradigmas com o discurso da *drag queen*. Tal análise terá como referencial teórico os estudos de Judith Butler (1990) e Norman Fairclough (2001).

Palavras-chave: cultura pop; *drag queen*; representatividade; sociedade

Introdução

No carnaval de 2017, a música “Todo dia”, interpretada pela *drag queen* Pablio Vittar foi um grande hit. A música, segundo o Portal Popline⁴, atingiu a 3ª posição no aplicativo iTunes na sua semana de estreia e o videoclipe chegou a marca de 10 milhões de visualizações na internet, tornando-se o clipe original de uma artista *drag* mais visto do mundo, ultrapassando “Sissy that walk” da *drag* americana RuPaul, que ocupava o posto até então. No hit foi apresentado um discurso de empoderamento - referente ao ato de dar ou conceder poder para si próprio ou para outrém - fazendo com que a palavra vadia deixasse de ser pejorativa para se tornar uma palavra de orgulho e força, ainda mais numa data festiva e, considerada por muitos, machista que é o carnaval brasileiro.

¹ Trabalho apresentado no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação Interdisciplinares da Comunicação.

² Estudante do 7º semestre do curso de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: ismattos3@hotmail.com.

³ Professora Doutora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: otavia.ce@gmail.com

⁴ Fonte: <http://portalpopline.com.br/10-milhoes-pablio-vittar-supera-numero-de-visualizacoes-de-clipes-de-popstars-internacionais/>

A presente pesquisa tem como propósito investigar esta possível quebra de paradigmas com os discursos verbais e visuais em relação às *drag queens*. A ruptura do discurso verbal tradicional estaria na letra da música “Todo dia” da cantora Pabllo Vittar, enquanto a subversão no discurso visual estaria na própria imagem da *drag queen*. A importância do tema se dá ao mostrar que uma música pode desmitificar um termo que sempre foi considerado pejorativo e mal visto pela sociedade tradicional patriarcal, que é a palavra vadia. Serão utilizados os estudos de Judith Butler (1990) para compreender a teoria de gênero e a teoria *queer*, juntamente com os estudos de Norman Fairclough (2001) para embasar as análises dos discursos verbais e visuais.

Gênero a Teoria Queer

A teoria *queer* foi desenvolvida no final dos anos 80, e tem os estudos de Judith Butler (2002) como precursores. Em seus postulados, a autora se refere ao gênero como performatividade. Segundo Butler (2002), “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (p. 64).

Butler (2002) argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos, ou seja, a teoria entende o termo como a repetição das normas ritualizadas sócio e culturalmente, as quais determinam os sujeitos. Toda representação de qualquer indivíduo em sociedade é resultados dessas repetições. No que tangencia a aceitação perante o patriarcado, a autora alerta que quem ousa se comportar fora destas normas, especialmente no que diz respeito à papéis sociais que determinam o que é masculinidade e o que pertence à feminilidade, consequentemente prendendo-se e uma ficção de heterossexualidade normativa e universal, acaba sofrendo consequências.

No livro Problemas de Gênero (2002), Butler cita que o gênero não é um substantivo estável, mas sim um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. E, nesse sentido, Butler (2002) afirma, que gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. Vale ressaltar que é argumentado que há uma distinção entre performance e performatividade, pois o gênero não deve ser identificado como algo teatral, ou como se fosse escolhido ser

representado. Ele é um construção intrínseca do indivíduo, um reflexo da forma como este se expressa perante o mundo.

E onde se encaixam as *Drag Queens*?

“Todos nós nascemos nus. O resto é *drag*”, a frase é atribuída à RuPaul Andre Charles, mais conhecido somente como RuPaul, ator, *drag queen*, modelo, autor e cantor americano. RuPaul é conhecido como a rainha das *drag queens*, e obteve esse status através do *reality show* estadunidense *RuPaul's Drag Race*, onde é escolhido em cada edição uma *drag queen* para receber o título de "*America's Next Drag Superstar*". Se procurarmos a definição de *drag queen* em dicionários, ou internet teremos como exemplo: homem que se veste com roupas extravagantes de mulher e imita voz e trejeitos tipificadamente femininos, geralmente apresentando-se como artista em shows. Por muito tempo teve-se como definição que as *drag⁵ queens* são artistas performáticos do sexo masculino que, por meio do *crossdress*, interpretam papéis femininos de maneira exagerada e cômica, fazendo uso de roupas que buscam inspiração em fantasias e na alta costura, maquiagens carregadas, perucas e saltos altíssimos. É comum vê-las satirizando e/ou buscando inspiração em artistas de sucesso da cultura pop.

Todavia a visão de Butler (2002) vai além da caricatura, afirmando que a performance das *drags* brinca com “a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado” (2002, p. 237). Ou seja, a autora afirma que ao imitar o gênero, as *drags* revelam implicitamente “a estrutura imitativa do próprio gênero - bem como a sua contingência” (2002, p. 237). Com seus estudos, podemos afirmar que os performativos de gênero não tentam esconder sua genealogia, e sim, acentuá-la. As *drags* repetem performances de gênero diferentemente. No fim, tornando-se mais do que uma simples paródia, versando sobre o caráter performático do gênero, subvertendo a ordem tradicional de papéis sociais.

Neste artigo, temos como objeto de estudo o discurso da *drag queen* Pablio Vittar, que ganhou visibilidade na mídia a partir de 2015 devido a um videoclipe. E, com essa

⁵ Do original “*dressed as a girl*” (vestido como uma garota). Atualmente o termo *drag* denota qualquer prática de *crossdress* exagerada, seja praticado tanto por homens quanto por mulheres. ⁶ Sigla para : lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

visibilidade Pablllo passou a se tornar um ícone de representatividade para a comunidade LGBTT⁶.

Segundo Norman Fairclough (2001), o discurso é “uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (p.91). Tanto o discurso visual- aparência extravagante - quanto verbal – vocabulário tribal próprio - das *drag queens* evidenciam a ruptura com a cristalização do que é denominado feminino em nossa sociedade.

Vadia com orgulho

O carnaval é uma festa bastante popular no Brasil, cuja tradição por muito tempo esteve ligada ao ato de vestir-se ou mascarar-se de uma figura diferente do que somos no cotidiano. Por exemplo, desde a celebração das Saceias que ocorria nos tempos antigos, provavelmente uma das origens da tradicional festa popular, via-se que durante a celebração prisioneiros vestiam-se e agiam como o rei, indicando uma subversão nos papéis sociais. Assim, podemos observar que o carnaval sempre esteve ligado a máscaras, ou como uma festa para libertar quem realmente gostaríamos de ser.

No carnaval de 2017 tivemos como hit a música “Todo dia”, da cantora e compositora Pablllo Vittar, com participação de Rico Dalassam⁶. Nesta música, podemos observar uma quebra de paradigmas, não apenas por ser cantada por *drag queens*, mas também pela letra conter uma palavra que seria de um cunho pejorativo se tornar uma expressão de orgulho e empoderamento.

No entendimento do senso comum, o termo “vadia” quando relacionado ao feminino, é referido como uma mulher que leva vida devassa ou amoral. Um xingamento, uma forma pejorativa de se referir à mulheres, algo fora dos padrões aceitos, ligando-se diretamente à promiscuidade. Diferente da conotação masculina, na palavra tem significado diferente, de homem que não tem ocupação ou não trabalha. Porém nenhuma conotação relativa ao comportamento sexual, neste caso. Afinal, numa sociedade patriarcal, o desejo sexual é permitido e estimulado aos homens, mas é um tabu quando se trata de mulheres.

A diferença da palavra é apenas uma letra, mas, se for aplicada a gêneros diferentes já é possível ter uma outra interpretação. Em protesto, inclusive, movimentos

⁶ Rapper paulistano, assumidamente gay perante a comunidade.

sociais e de resistência feminina já haviam se apropriado da palavra vadia, como exemplo temos a Marcha das Vadias, movimento que surgiu no Canadá após um policial afirmar que as mulheres não deveriam se “vestir como vadias” referindo-se ao cumprimento das roupas, justificando que suas vestimentas eram os motivos dos ataques e abusos que elas sofriam. O lema do movimento se dá exatamente a essa subjetividade da palavra vadia, “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”, pregam. O termo vadia para o movimento se tornou sinônimo da mulher que luta pela violência. E a música de Pablo Vittar segue o mesmo princípio.

Ao analisarmos trechos da canção, podemos observar as seguintes colocações: na primeira estrofe temos verso “Eu não espero o carnaval chegar pra ser vadia / Sou todo dia, sou todo dia”. Num primeiro momento podemos associar os versos como fazendo alusão à permissividade associada ao carnaval, nos levando a crer que Pablo diz que não precisa esperar uma data específica para mostrar quem realmente é. Todavia, o significado torna-se interessante quando a *drag*, em entrevista ao site Papel Pop, Pablo Vittar definiu ser vadia como: “ser vadia é se valorizar, vestir o que quiser, pegar quem quiser (com consentimento sempre). É arrasar sem um pinga de remorso.” Nesta declaração, está claro que o termo vadia nesta música não tem nada de pejorativo, muito pelo contrário, é uma palavra que remete a força, personalidade e atitude.

Na estrofe seguinte temos o verso “Tô tão bem assim / Não vem mandar em mim / Não funciona assim”; nesta parte, a análise se dá pelas palavras de auto suficiência, ou seja, a mulher não precisa de ninguém, porque, afinal, ela está bem assim, ela não quer ser mandada por ninguém. Ela tem as suas regras, em que não se permite ser comandada por ninguém. O empoderamento fica claro.

A última estrofe analisada, temos o seguinte verso “Se eu te chamo na segunda / Não vem quarta, não vem quinta / Segunda eu tô linda, quarta eu sou cinza” significando o poder que a mulher tem ao decidir quando ela quer um parceiro, mostrando explicitamente que a escolha é uma atitude dela, e uma escolha do momento, sem o compromisso do amanhã. Mostrando que é extremamente livre e sabe exatamente o que quer.

Com o empoderamento visto na letra e a quebra de paradigmas, o significado da palavra vadia teve uma grande mudança, inclusive o trecho mais marcante da música se tornou um grande meme - expressão oriunda da internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeo e/ou relacionados ao humor, que se espalha online - nas redes sociais.

Como podemos observar na figura 1:

"Eu nao espero carnaval chegar
pra ser vadia, sou todo dia, sou
todo dia"



Figura 1: meme hino – Todo dia

Fonte: onsizzle.com

A figura se refere ao meme “hino” onde são colocados trechos de músicas que são conhecidas por grande parte da população. O fato deste trecho ter se tornado meme, mostra que embora a letra contenha o termo vadia associado à quem estiver cantando, este perdeu a conotação pejorativa. Por meio da descontração e da diversão, conceitos de empoderamento são divulgados e termos desmistificados. Isso vai de encontro ao que Fairclough (2001) fala sobre a mudança social, a qual só é plena se subverter discursos universais, cristalizando novas realidades.

Considerações finais

Segundo Norman Fairclough (2001), a análise de um discurso particular como exemplo de prática discursiva focaliza os processos de produção, distribuição e consumo textual. Todos esses processos “são sociais e exigem referências aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado”.

(FAIRCLOUGH, 2001.p.99). O autor também afirma que “a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência” (2001, p.100).

Com o empoderamento em pauta, assim como o feminismo, a letra da música tem um papel ainda maior para a sociedade, pois traz a reflexão do empoderamento feminino e do feminismo para o carnaval, que é considerada uma data em que o número de mulheres que sofrem assédios aumentam.

Segundo o portal de notícias IG, numa matéria publicada em 23 de fevereiro de 2017, o carnaval reforça o pensamento machista, porque no carnaval há uma certa liberdade, e nessa liberdade demasiada que se torna assédio ou até mesmo agressão. Também na matéria publicada é mostrado dados alarmantes em que 24% dos homens, segundo o instituto Avon, não têm coragem de defender as mulheres que estão sendo assediadas.

A reflexão que fica, é que apenas uma música pode significar uma revolução, uma nova forma de pensar, um empoderamento, uma atitude e uma autoestima. A letra de uma música, feita por *drag queens*, mostrando representatividade e força na época do ano em que o machismo está mais em evidência, essa letra mostra o empoderamento e o orgulho de ser e fazer o que quiser.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. Problemas de gênero - Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social, Brasília, EDU – UNB, 2001.

IG, São Paulo, Carnaval reforça comportamento machista e homens ainda não sabem lidar com isso. Disponível em < <http://carnaval.ig.com.br/2017-02-23/machismo.html>> acesso em 14/04/2017.

Marcha das Vadias, Curitiba, Por que vadias?. Disponível em <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>> acesso em 18/04/2017.

O Povo, Fortaleza, Pablo Vittar é a drag queen com mais acessos em clipes originais no Youtube. Disponível em <<http://blog.opovo.com.br/id/2017/03/24/pablo-vittar-e-dragqueen-com-mais-acessos-em-clipes-originais-no-youtube/>> acesso em 17/04/2017.

Papel Pop, São Paulo, Pablo Vittar dá dicas para ser vadia neste carnaval. Disponível em <<http://www.papelpop.com/2017/02/pablo-vittar-da-dicas-para-ser-vadia-nestecarnaval/>> acesso em 19/04/2017.

Portal Popline, 10 milhões: Pablo Vittar supera número de visualizações de clipes de popstars internacionais. Disponível em <http://portalpopline.com.br/10-milhoes-pablovittar-supera-numero-de-visualizacoes-de-clipes-de-popstars-internacionais/> acesso em 18;04;2017.

SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. Rio de Janeiro, Grupo Autêntica, 2002.